

O TYPOGRAPHO.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

Collaboradores—Diversos.

Este jornal pertence aos typographos da Regeneração. Publica-se uma vez por semana, aos domingos. Preço da assignatura : por uma série de 10 numeros 1\$000, pagamento adiantado.

2.ª Serie | Desterro, 10 de Novembro de 1872. N. 16

O TYPOGRAPHO.

Desterro 10 de Novembro de 1872.

O passado e o presente

Quando á sós, longe de todo o rumor mundano, curvamos a fronte, e ficamos absortos na meditação dos passados dias; quando n'estas tristes e dolorosas occasiões, sentimos uma lagryma vir correndo silenciosamente, humidecer nossa face; quando comparamos um passádo, ás vezes tão bello, tão cheio de risos e de flôres, com um presente triste, e orvalhado de prancos, dizemos, soltando um profundo suspiro do intimo d'alma :

— Quem dera que a infancia tornasse !...

Os dias de alegria passam e desaparecem na densa penumbra do esquecimento, como as flôres que desfolhadas pelos euros, perdem os perfumes, a côr, e, envolvendo-se no pó, somem-se para sempre.

Os annos de tristeza custam a passar: são como as aguas de um rio que apesar de estarem sempre correndo, nunca tem um fim.

O passado inspira nos saudades, faz com que chôremos á sua memoria; em quanto o presente, obriga-nos a folgar no meio do desespero, obri-

ga-nos a rir, quando sentimos a alma oppressa pela dôr, o coração — cheio d'espinhos, chagado, e gottejando sangue.

O passado — foi um céu de paz, de calma e de jubilo; o presente um inferno de torturas e soffrimentos.

O presente — é o desespero, a atribulação do espirito, o tormento, a desolação; em quanto o passado é comparado á uma flôr, a um astro que bruxolêa nas trevas dos tempos.

O menino cego

por

GONT-DESMARTRES

(Traducção livre.)

Abril apparecêra com todos os seus thesouros.

Nunca tão sublime aurora havia prometido um mais bello dia.

Por um laço de flôres de inebriantes perfumes, arrebatadoras harmonias, dir-se-hia que a terra estava ligada ao céu — bella de mocidade e de amôr. —

A's margens de transparente rio que rollava suas mansas ondinhas, passavam as brizas odorantes da madrugada.... gemendo por entre as folhas do velho carvalho da solidão.

De repente ouviu-se uma voz que cantava doce, melodiosa como as harpas celestias.....

— Oh ! tu, menino, de quem eu amo a

O TYPOGRAPHO.

innocencia, o gracioso e languido sorriso, e a quem lastimo do fundo d'alma, por nunca teres visto a luz do dia !

« Tu queres que, enquanto minha barquinha vai correndo rio abaixo, impellida pelo passageiro sopro dos zephyros, eu te-diga as maravilhas que a aurora, das dobras de seu purpurino manto, deixa cahir sobre a terra extatica, como primicias dos seus divinos amôres.

« Tu queres, eu sei; mas para que procurar dizer-te as sublimidades da natureza ? — Essas immensas maravilhas, comò poderias tu comprehendê-las ? — Desgraçado menino, que nunca conseguirás vê-las!

« Dize-me: o ar que respiras não te parece tão doce, tão perfumado ? Os brandos favonios que beijam teus cabellos louros, não te parecem tão suaves ? — Esta frescura é das agoas, que, em seu vagaroso curso, exhalam-se em ligeiros turbilhões de branca espuma ! Estes perfumes expande a candida florinha dos solitarios vallados, ao despontar da madrugada, quando as brizas osculam-se nos ares

« Mas, para que por mais tempo, procurar explicar-te a origem das agoas, que fogem, das flôres, que desabrocham ?

« Na primavera, quando scintilla no espaço um diadêma de offuscante luz, quando o ar está quente e perfumoso, não te sentes reanimado ?

« Pois bem: esse brilhante diadêma — é o sol, — que Deus collocou nos ares, e que nos dá vida e forças.

« Mas eu me calo : para que tentar pinctar-te a claridade que o sol derrama sobre nós ? — A luz, — como poderias tu comprehendê-la ? — Desgraçado menino, tu nunca a verás ! »

O poeta cantava Em quanto suas palavras fugiam nas azas do vento, uma mulher approximava-se da praia ; o menino, quando a barquinha encalhou, lançou-se em seus braços !

— « Que me importa exclamava elle, no auge d'alegria ; que me importa a agoa, o

céo, a terra ? — Minha mãe, eu não preciso da vista para te conhecer e te amar ! » —

ROMANCE

Maria.

ou

MEMORIAS DE UM SEDUCTOR.

IX.

ALEGRIA.

Por fim, levantou-se e corréo para o cavalleiro, gritando :

— Meu irmão !...

— Quem, Alvaro ? — exclamou o velho, seguindo-a.

Alvaro apeou-se, e, depois de ter abraçado seu pai e sua irmã, sentou-se na soleira da porta.

N' este momento, eu cheguei.

— Chegue-se, meu amigo; disse o velho estendendo-me a mão.

Maria tornou-se rubra, e Alvaro veio ao meu encontro.

E' nosso amigo, Alvaro; se tua irmã ainda vive á elle o dêve.

— Chama-se....

— Carlos.

— Meu pai, em suas cartas, nunca fallou em semelhante nome,

— Não admira, Sr. pois que não ha mais de dous mezes que tenho a honra de merecer a sua estima.

— Mas, continuou Alvaro voltando-se para o velho, como é que este senhor, salvou minha irmã ?

— Ouve.

— Por quem é ! atalhei eu.

Calle-se, moço; as boas acções devem ser publicadas.

— Depois de alguns momentos de silencio, continuou:

— Haverá dois mezes, pouco mais ou menos, que tua irmã cahio gravemente enferma. No oitavo dia de molestia, já não fallava...

O TYPOGRAPHO.

— Sei disto.

— Estava eu chorando, alli á porta, a minha desgraça, quando passou este moço. Compadecido, perguntou-me o motivo porque tanto me affligia. Disse-lh' o Depois de por algum tempo, têmos misturado nossas lagrymas...

— Elle tambem chorou?.....

Elle partió á procura de um medico. A' noite trouxe-o aqui. Que medico !.... No fim de quinze dias tua irmã estava completamente bôa, ficando eu todo amigo deste incomparavel moço.

— A sua carta bastante assustou-me, meu pai.

— E não era para menos, Alvaro.

— No entretanto deixei o meu commodo, caminhei dia e noite sem descansar, para vir encontrar Maria cantando.

— E dêves render graças á Deos, por essa felicidade, si è que tens em alguma contra o — amor fraternal. —

— Tem rasão, disse eu, lançando um olhar á Maria.

Ella corou: seus nêgros cillios cerraram-se voluptuosamente, e murmurou:

— Entendi.

X.

A NOITE.

Anoitecêra.

A lua — essa pallida e melancholica filha do silencio — vinha monstrando, scismadôra e bella, sua branca fronte por cima dos altos cumes das solitarias montanhas, cobertas de uma relva tenra e macia, salpicada de mimosas bonitas que abriam seus puros seios aos beijos da brisa que, do mar, vinha murmurando por entre as folhas de copadas arvores, sentidas endeixas de seus divinos amores, e ás transparentes gôttas de crystalino orvalho, que lhes-dá vida, frescura e belleza.

O ceo estava sereno e puro como no primeiro dia de sua creação. Era uma vasta campina vestida de azul, e matizada de milhares de pallidas estrelinhas, que da sua immensa altura, parecia que do meio de

seu brilho, sorrião á tranquilla natureza; que repousava entregue ao mais profundo silencio, ao mar, aos murmuradôres ribeirinhos que serpejavam por entre a verde gramma, ás avesinhas adormecidas em seus mimosos ninhos, emfim, á Deos, que derramou seu divino sangue entre martyrios e atrozes soffrimentos, pregado aos braços de um tóscico madeiro, no cimo do Calvario, para com elle fazer desaparecerem as nossas maculas; á esse Deus, tão bondozo e munificante, que está sempre prompto para perdoar as fraquezas e peccados de seus amados filhos, e que sobre elles, não cessa de derramar ondas de felicidade; á esse Deus, finalmente, que, em vez de punir as nossas immensas culpas, nos dá, sorrindo, uma existencia, senão feliz, ao menos tranquilla.

Era uma noite soberba.

A flôr do cactus tão odorente e bella, começava a abrir seu variegado calix, aos lascivos beijos da viração e aos voluptuosos raios da somnolenta lua.

O lyrio, pendido durante o dia, por um sol abrazador, ergueu-se orgulhoso de suas formosas cores, em seu flexivel caule.

Tudo respirava tranquillidade e alegria.

Tudo sorria.

Tudo sentia-se feliz.

Ate o velho pai da incantadôra Maria que, dous mezes antes tanto chorára, tambem julgava-se ditoso, ao lado dos dous fructos de seus mallogrados amôres da mocidade.

(Continua)

O hynverno.

Emmurcheceram as flores,
O vergel emmurcheceu
O sol perdeu os fulgores,
A lua o brilho perdeu,
Denso manto de vapores
A natureza envolveu !

Que tanta tristeza è esta ?
Que tamanha solidão ?

O TYPOGRAPHO.

Já das aves — na floresta
Foi-se a placida canção,
Já da primavera a festa
Acabou nova estação !

Surgio o hynverno iracundo,
Terrivel, destruidôr,
Infundio horrôr profundo
Com seu aspecto de horrôr,
Bramindo callou do mundo
As dôces fallas de amôr !

O euro rugio nos montes,
Descêo ao fundo do val,
Passou largos horisontes,
Terra, mar, rios de crystal,
Florestas, vergeis e fontes,
Qual nêgro genio do mal !

O céo tão bello, eil-o envolto
Em nuvens de triste côr,
O mar estrugio revolto
Espumante, bramidôr,
O vento gélido, selto
Arrancou ar'vres e flôr !

Seccaram flôres olentes,
Ao rebramar do escarcéo,
Vêrdes florestas trementes,
Envolveu-as denso véo,
Despejaram-se em torrentes
As catadupas do céo !

Surgio terrivel o hynverno,
O genio destruidôr,
O sol luzente, galerno,
Perdêo rayos e fulgôr !
Rasgou os seiôs do inferno
O nêgro genio da dôr ! . . .

LOGOGRIPO.

Quereis no ar meu pobre logogripho,
Leitor, matar ?
Se quereis — é por letras, não por syllabas .
E' procurar !...

Um certo bicho da fabula — 5, 9, 3, 10.
Mui luzente 'e poderoso — 2, 5, 3, 2.
Beb' da bem agradavel — 7, 8, 1, 2, 3.
Das flores matiz formoso — 1, 2, 3.

Todos temos n' este mundo — 12, 4, 6, 9, 12.
E' proprio do lavrador — 6, 3, 10, 11, 2.
Assim bella è toda a moça — 3, 8, 1, 10.
Que è assim por timbre ou humor — 9, 6, 11, 10.

Sou querida dos poetas — 7, 5, 3, 6.
Só por a esta agradar — 7, 8, 4, 8, 10.
Por ser « grosso » como azeite — 2, 7, 12, 2.
Por ter bellezas sem pâr — 6, 2, 3, 2, 3, 10.

Estâ tinha-a minha avô — 3, 2, 1, 6.
Por já estar mui desbotada. 1, 10, 3, 6.
Cantilêna...cantilêna...6, 6, 3, 5, 10.
Era assim a minha amada — 7, 5, 11, 6.

E' triste quando se sente — 9, 2, 3.
E' bello quando se o vê — 4, 8, 10.
Branquejando nas igrejas — 5, 3, 16.
Foi de martyrios...não crê ? — 1, 2, 3, 4, 10.

E' um peccado terrivel — 8, 3, 6.
E' um terrivel peccado — 2, 4, 5, 2.
Dos tempos antes de Christo — 5, 9, 2, 7, 2.
Enfeite do verde prado — 7, 8, 3, 5, 2.

Eu sou sempre no home' apreciada...
E na mulher.
Sou um dom que captiva,....Meus leitores,
Agora é ver !

CHARADA.

Na musica — 1
Na musica — 1
Nação — 2
Dominio
Então ? !

A decifração do logogripho do n.
15 é — Martyrio — e das charadas a
1ª. — Socego, — 2ª. — Abcdario — e a 3ª.
— Romaria. —

Typ. da «Regeneração» Largo de
Palacio n. 24.